

QUANDO COMEÇA UMA ETNOGRAFIA?: reflexões iniciais sobre aprendizagens não escolares e gênero ¹

Natália de Oliveira Melo (PUC/Rio)

Palavras-chave: Etnografia. Aprendizagens não escolares. Gênero

PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES

Quando uma pesquisa etnográfica começa? Para mim, pedagoga formada em Pernambuco, começa quando me desloco geograficamente do meu estado para o Rio de Janeiro para iniciar o curso de Doutorado, uma pesquisa etnográfica com mulheres. Começa pelos emaranhados/enredamentos desconhecidos (TSING, 2019).

Ser pesquisadora a nível de Doutorado carrega nuances específicas. Chego para a pesquisa movida por emoções e vontades de pesquisar com jovens artistas do funk no Rio de Janeiro. Penso que meu objeto está desenhado. Doce engano. O movimento, próprio de uma etnografia (MIZRAHI, 2014), envolve a pesquisa e o pesquisador/a nos entrelaçamentos anteriores ao campo de fato.

Inserida no grupo de Pesquisa EstetiPop - Laboratório de Pesquisa em Estéticas, Antropologia e Cultura Pop/Popular vinculado ao Departamento de Educação da PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, me dou conta que o movimento da pesquisa etnográfica abre um mundo de diálogos teóricos. São sobre esses diálogos teóricos de etnografia – enquanto disciplina e método –, gênero e aprendizagens não escolares que o presente trabalho abordará.

Compreendo que se trata de um texto ousado ao se dedicar teoricamente na área da Antropologia. Por isso, ressalto que esse texto é um primeiro (literalmente) ensaio textual de uma pesquisa etnográfica que se pretende realizar num futuro próximo. Mas também, defendo a ideia de que a leitura, fichamento e reflexão sobre outras pesquisas etnográficas agregam à pesquisadora que se pretende realizar uma pesquisa em campo.

Nesse texto, propomos que um primeiro movimento da pesquisa etnográfica começa na imersão literária, e esse enredamento abre um mundo de diálogos teóricos que já se relacionam com a pesquisa e com a pesquisadora. Qual o lugar da subjetividade do/a

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

pesquisador/a que está aprendendo a fazer etnografia nesse processo de pesquisa (VEGA SANABRIA, 2019)?

As chaves analíticas nos sugerem fazer uma etnografia acerca das aprendizagens não escolares que se desenham com os processos de subjetivação de jovens mulheres (TOREN, 2021), principalmente no que diz respeito à identidade “natural” de ser mulher (BUTLER, 2001, 2019; DELEUZE; PARNET, 1998; GUATARRI; ROLNIK, 1996; HARAWAY, 2019; WITTING, 2019).

Para tal, esse texto trata-se de uma abordagem de base bibliográfica no momento que se arrisca em articular correntes teóricas da Antropologia e do Gênero. Em seguida, recorro a etnografias para discutir sobre a aprendizagem na antropologia, a formação da pesquisadora e a produção de subjetividade no processo de pesquisa, para depois colocar elementos teóricos de gênero. Finaliza-se com os direcionamentos seguintes da pesquisa, pelo menos os próximos planos.

INSPIRAÇÕES ETNOGRÁFICAS PARA PENSAR APRENDIZAGENS NÃO ESCOLARES COM MULHERES

O meu interesse por uma pesquisa etnográfica no curso de Doutorado se dá pela intenção de olhar para as mulheres e entendê-las nos próprios termos, sem a pretensão de explicar os acontecimentos. Para isso, os primeiros movimentos da minha experiência de Doutorado têm se encaminhado por estudar analiticamente a pesquisa etnográfica.

Os temas da auto-reflexão e de produção do saber antropológico envolvem a pesquisadora em formação (VEGA SANABRIA, 2019). A pauta de discussão sobre o limites/espacos do etnógrafo na etnografia é algo que me inquieta – a nível acadêmico e pessoal. Várias dimensões da vida humana da pesquisadora são mobilizadas a partir da experiência de formação de Doutorado – principalmente quando esta se desenha pela etnografia, como é o presente caso.

Um movimento da disciplina da etnografia tem sido chamar a subjetividade do pesquisador para a experiência. “O lugar da experiência na aprendizagem de antropologia e seu caráter reflexivo.” (VEGA SANABRIA, 2021, p. 288). Discutir (junto com o pesquisador em formação) sobre as suas próprias experiências que se desenham na etnografia por meio de sensações, sentimentos e estranhamentos é dá vazão ao aspecto humano e subjetivo. Esses elementos se relacionam-se com o que conhecemos por *anthropological blues*.

Da Matta (1978) sugere que o anthropological blues é característico da terceira fase da pesquisa antropológica – o campo, diferenciando-a da primeira, de imersão na literatura. O caso da presente comunicação ajuda a embaralhar uma e outra fase. Não apenas pelo deslocamento que proponho, mas pela imersão na literatura antropológica que experimento.

O deslocamento geográfico e o encontro com o novo se misturam com os primeiros estudos de etnografias. Por isso que iniciei esse trabalho com o questionamento: Quando uma pesquisa etnográfica começa? Nessa seção, acrescento à essa resposta – para além da que pontuei na seção anterior – que uma pesquisa etnográfica pode começar na aproximação de outras pesquisas no intuito tanto de aprender com essas etnografias, como também aprimorar o olhar para habilidades de escrita.

É nesse sentido que pontuo a pesquisa de Tassinari (2009) com sua etnografia sobre outros modos de infância. Nesse estudo há o objetivo de se conhecer outras infâncias desatrelada à concepção de “criança-aluna”, no sentido de desestabilizar intocáveis premissas ocidentais sobre culturas infantis. Na referida pesquisa, questiona-se o que desaprendemos quando passamos a frequentar a escola, noções de liberdade e a transmissão horizontal de saberes (TASSINARI, 2009). A leitura analítica desse texto agrega quando questiona instituições protegidas ocidentalmente, como a escola, abrindo espaço para outras formas de conhecer o mundo.

Existem possibilidades de aprendizagem que se fazem por caminhos que não os formais das instituições escolares. Através da etnografia percebe-se que a estética, o corpo e a materialidade são elementos de socialização para o aprender, assim, é importante colocar a atenção sobre outras dinâmicas (MIZRAHI, 2021). Essa atenção que aqui coloco é o que Miller (2013) nomeia da melhor maneira para apreciar a humanidade, uma atenção às coisas. A atenção é uma técnica da etnografia enquanto pesquisa e enquanto metodologia, ou seja, está na teoria e na prática.

A experiência etnográfica de Mizrahi (2019) nos mostra que colocar a atenção em elementos do cotidiano faz emergir significados para boas reflexões. Através dos cabelos de mulheres negra foi possível explorar: “ [...] as injunções entre estética, política e criatividade, notando como o self produz a si ao produzir o seu corpo e, nesse processo, altera a paisagem da cidade.” (MIZRAHI, 2019, p. 460). Ou seja, pela estética esse trabalho nos instiga a pensar política, raça e gênero tornando-se uma etnografia interessante para a minha formação.

Essa possibilidade reflexiva também pode ser interpretada na experiência etnográfica de Mead (2015) com adolescentes em Samoa. Através do conhecimento de uma outra cultura, com outros modos de conceber a vida, a morte, sexo, escola e trabalho nos aproximamos da ideia de aprendizagens pelos modos de vida. É esse o objetivo da etnografia segundo Ingold (2011, p. 327): “o de descrever as vidas das pessoas que não nós mesmos, com uma precisão e uma afiada sensibilidade através da observação detalhada e da experiência de primeira mão.”

A pesquisa de Lave e Wenger (1991) é uma das etnografias que me fortalecem nos estudos de aprendizagens não escolares. Nos contextos não escolares há aprendizagem, e não somente no momento do acontecimento, mas no envolvimento de histórias. “Os objetos do conhecimento transitam em várias áreas. As caixinhas ‘ordenadoras do conhecimento’ que nos davam a aparente segurança disciplinar se perderam nas novas abordagens, metodologias e perspectivas.” (SIMÕES, 2009, p. 196). Acredito em enredamentos de aprendizagens que se dão nas relações e conexões de pessoas com o mundo e vice-versa. Normalmente as teorias sobre aprendizagem são baseadas nas relações pessoa e mundo, e em Lave e Wenfer (1991) aprendo a pensar sobre aprendizagem a partir da dimensão da prática social.

Fazer etnografia é estar menos preocupado/a com o que está dado, as definições, e mais preocupado/a em como as coisas estão acontecendo. Ingold (2011) faz críticas aos antropólogos que exercem a disciplina como ciência positivista, fazer etnografia não é apenas colher dados e produzir teoria. É preciso ver esse mundo da etnografia como não dado.

As aprendizagens feitas em prática, que em Ingold (2015) podemos compreender como engajamento, a aquisição de habilidade, tem relação com a dimensão sensorial para além da cognitiva. E o fazer do trabalho de campo é justamente colocar a atenção no mundo, como este se desenrola à frente do pesquisador/a. Alguns autores etnográficos interpretam esse mundo através de metáforas, como é o caso de Ingold com a metáfora do labirinto e do maze através de sua etnografia com catadores, povos nômades.

As etnografias de Tassinari (2009), Mizrahi (2014, 2019) Mead (2015) e Ingold (2011, 2015) não se desenharam em busca de explicar os fenômenos sociais através de lentes teóricas profundas. Muito menos de colocar as aprendizagens não escolares em um pedestal teórico. Mas é um outro caminho que se dá, principalmente pelo conhecimento sensível de outros modos de interpretar a vida. Talvez, os enredos etnográficos se direcionem muito mais por perguntas do que respostas. Aqui ousou colocar a partir dos

meus estudos iniciais: se uma pesquisa etnográfica acredita que encontrou respostas ao seu “problema”, há algo equivocado. Pois, o elemento impulsionador é o indagar-se, principalmente por reflexões com a realidade: “como nos tornamos quem somos? Esta questão está na base de todas as ciências humanas.” (TOREN, 2021, p. 181).

Por isso, penso na etnografia como essa possibilidade de aproximação com outros mundos, a fim de conhecê-los. Não necessariamente cruzando fronteiras geográficas, mas problematizando as noções de “familiar” e “exótico” que Velho (2008) fez em seu texto. Conhecer o próprio mundo por uma etnografia pode trazer elementos exóticos, como também no desconhecido é possível que emerja a familiaridade. Estar no Rio de Janeiro – não sendo carioca – confunde minha própria experiência do que é familiar e do que é exótico, assim: “não só o meu grau de familiaridade, nos termos de Da Matta, está longe de ser homogêneo, como o de conhecimento é muito desigual.” (VELHO, 2008, p. 126).

Fazer etnografia também é se deixar envolver pela imprevisibilidade da vida, pelos emaranhados que se fazem – pelo menos é o que tenho aprendido com Tsing (2019) que retomarei mais à frente.

Enquanto pesquisadora em formação, preciso me dispor ao imprevisível, à concepção de um mundo que não está dado. Se eu chego no meu futuro campo de pesquisa sem antes me preparar para essas imprevisibilidades do mundo que acontecem no campo – e que eu aprendo lendo sobre outros campos –, provavelmente a minha pesquisa ficaria presa à um narcisismo etnográfico, onde eu só iria ver o que meus olhares metodologicamente treinados quisessem enxergar.

Aqui cabe um esclarecimento. Estar aberto etnograficamente à imprevisibilidade do campo não é abandonar um método. É ter sensibilidade (e humildade) enquanto pesquisador/a para conhecer histórias, mais especificamente os detalhes das histórias. “Esta não é apenas uma história, então, mas também um método: grandes histórias são sempre melhor contadas através de detalhes insistentes, embora humildes.” (TSING, 2019, p. 111, tradução nossa). Na leitura em questão, para além de acompanhar a história do cogumelo muito bem entrelaçada pela autora, também aprendo a me desprender, a sair do mesmo, se deixar deslumbrar pelo campo.

Os corpos dos cogumelos me ensinam que as coisas não são óbvias. E é no detalhe que as nuances da etnografia se desenham, se fazendo como uma atividade microscópica que explora os grandes problemas a partir de pequenos universos, como Tsing (2019) o faz. A ideia de “perturbação” e “indeterminação” são importantes para a compreensão de etnografia por parte de uma pesquisadora em formação. Perturbação seria os episódios

(coisas, momentos, não cumprimento de cronograma) que escapam durante a pesquisa etnográfica e indeterminação são as imprevisibilidades que permeiam a vida – a etnografia (TSING, 2019). Ambos os conceitos me ajudam a desconfiar das explicações óbvias, universais. Penso numa etnografia que me ajude a pensar nas coisas, através das coisas

Assim como Mizrahi (2014) em sua etnografia com Mr. Catra me ensina que essa escolha metodológica de pesquisa não é tecer teorias, mas construir relações com o campo a partir da própria teoria. E isso não resulta em uma explicação para um problema, mas: “as partes estabelecem conexões que são em si parciais, formando assim uma imagem toda, mas nunca um todo coeso, pois as partes, por serem humanas e não humanas não possuem termos de equivalência ou comparação, portanto, não se encaixam nunca.” (MIZRAHI, 2014, p. 53). Não se faz pesquisa sobre o campo, mas com o campo. Não se faz pesquisa em busca de uma resposta, mas em busca de levantar outras perguntas.

Se eu iniciei o texto questionando – você, leitor/a e eu mesma –, quando uma pesquisa etnográfica começa, agora dou mais uma volta nesse nó ao colocar: quando uma pesquisa etnográfica acaba? E aqui trago Novacich (2021) quando coloca que o campo é pura ansiedade. Antes, durante e depois. Principalmente porque não se sabe quando é esse depois, quando deve ser esse depois. Se de fato acredito que uma pesquisa etnográfica começa antes do próprio campo, posso afirmar que a ansiedade que o campo gera também acontece antes da inserção.

Por isso me instigo a pensar sobre as aprendizagens não escolares das jovens artistas mulheres no funk carioca... Trago, pois, para o presente texto a discussão de gênero que tem se desenhado em meus estudos.

Ao pensar por meios de estudos de etnografias que nada está dado, trago essa reflexão para as questões de gênero. Chego ao curso de Doutorado numa ingenuidade teórica em supor que a categoria de gênero já está pronta para mim. Para isso, o conceito do devir mulher me ajuda a discutir a experimentação da vida por corpos femininos que rompem com uma estrutura de sociedade que engessa as identidades (GUATARRI; ROLNIK, 1996; DELEUZE; PARNET, 1998).

O devir é o entrelaçamento do fazer-se e refazer-se da vida que muitas vezes operam no silêncio (DELEUZE; PARNET, 1998). O devir mulher se inscreve de maneira profunda, é algo novo que se sente, e que se refaz, são: “formas de existência que se impõem a cada nova configuração da experiência. [...] Conclusão: pelo jeito, qualquer ruptura com o

modo de funcionamento de nossa sociedade passa, no mínimo, por um devir mulher.” (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 81).

Me autodenomino feminista por acreditar que ao colocar a categoria gênero como elementar na pesquisa, sou, obviamente uma pesquisadora feminista (SCOTT, 1999; BUTLER, 2003).

Mas então me questiono – e me desmonto – ao pensar que reduzir as questões de gênero e do devir mulher à essas categorias fechadas e estanques vai de encontro com as inspirações etnográficas que venho me alimentando e que sinalizei anteriormente.

Tem-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo – ou até mesmo insistir na utilização desse nome, sob qualquer circunstância [...] depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade ‘essencial’. (HARAWAY, 2019, p. 165)

Com Donna Haraway em “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” vejo que preciso enxergar também o ser mulher para além de uma única perspectiva. Se me proponho a pesquisar com mulheres – e essa ideia continua a direcionar os meus caminhos no Doutorado –, preciso me desconstruir da ideia única de uma suposta construção de mulher.

Não há uma origem identitária natural. O que é natural? “Nós fomos forçadas em nossos corpos e em nossas mentes a corresponder, sob todos os aspectos, à ideia de natureza que foi determinada para nós.” (WITTING, 2019, p. 83). Há de se pensar, nenhuma construção é total e não há nada de naturalmente construído em ser mulher. Direcionar uma pesquisa com mulheres à essa única vertente de pensamento é simples e mais do mesmo. Reduzir a categoria “mulher” à única condição de vítima como base de análise já causou muitos danos (HARAWAY, 2019). Fazer uma pesquisa etnográfica com mulheres no atual contexto precisa se despir de categorias únicas, fechadas. Eu preciso me despir de comportamentos teóricos inegociáveis e conhecer outros contextos e possibilidades:

Pensamos que para conhecer os contextos de uma realidade global é necessário um deslocamento para o estudo das relações locais, suas significações, representações, apropriações produções e reproduções. A imprevisibilidade e imprevisibilidades ações humanas fazem com que ordenamentos, encaixes e a: tentativas de produzir lugares para as coisas e pessoas falhem. (SIMÕES, 2009, p. 204)

Muito se tem discutido sobre a “reconstrução do gênero” (LAURETIS, 1994; LOURO, 2002), mas aí eu (me) questiono: reconstruir gênero para que? A minha pesquisa etnográfica em gênero (a se fazer no futuro) não deseja destruir, construir, reconstruir nada...dispensando essa presunção acadêmica. Desejo me aproximar da vida de jovens artistas do funk no Rio de Janeiro, sendo uma mulher pesquisadora, para conhecê-las em suas experiências de vida em corpos femininos, que trará elementos de “exótico” e “familiar” à minha experiência enquanto mulher em um (outro) corpo feminino.

Estudar gênero me provoca porque eu também provooco o mundo sendo uma mulher. Me encontrar entrelaçada por meu objeto de estudo é problematizar a minha presença como pesquisadora no mundo através do meu corpo. O meu corpo discute o feminismo e as materialidades inconformadas (BUTLER, 2001). É ingênuo pensar que uma pesquisadora mulher em um campo de etnografia não irá mobilizar elementos com e nessa categoria através da sua humilde presença no campo. “O corpo não é uma materialidade fatídica, terminada na sua própria imagem; ele é uma materialidade que carrega, pelo menos, certos significados, e esse carregar é fundamentalmente dramático.” (BUTLER, 2019, p. 216).

Quais dramas eu vou experimentar ao questionar como as aprendizagens não escolares podem contribuir para uma pesquisa etnográfica com mulheres? Se a pesquisa etnográfica começa antes da experiência de campo, ousando dizer que em alguma medida os estudos sobre etnografia e o translatado para cursar o Doutorado já me deslocam e me desafiam a pensar sobre fazer pesquisa com mulheres, sendo uma mulher.

ENCERRA-SE ESSE TEXTO, CONTINUA A ETNOGRAFIA

As pesquisas etnográficas que venho estudando, as quais discuti aqui de maneira breve, me mobilizam a acreditar que uma pesquisa de natureza etnográfica começa antes do campo. Começa, inclusive, aperfeiçoando um olhar sensível enquanto pesquisadora e etnográfica para quando de fato esse campo se inicia, entendendo que talvez os limites desse início e desse fim sejam difíceis de serem traçados.

Nesse trabalho, propus apresentar os iniciais movimentos de uma etnografia a partir da reflexão da mesma enquanto disciplina e enquanto metodologia para uma pesquisa que se propõe a fazer-se com o gênero. Num primeiro movimento, levantei discussões sobre as aprendizagens não escolares na antropologia – a atenção, a relação com outros mundos e a não obviedade destes –, a formação da pesquisa a produção de

subjetividade no processo de pesquisa – pelo o *anthropological blues* – e então coloquei como a categoria gênero tem me mobilizado enquanto pesquisadora mulher.

Encerro esse texto para então iniciar a minha etnografia. Através do Projeto de Extensão: “O Mapa do Funk na Rocinha” vinculado ao EstetiPop e à PUC-Rio vamos mapear a produção do funk na comunidade em questão em colaboração com os agentes do movimento musical. Essa atividade de extensão se configura como o segundo movimento prático da minha pesquisa de Doutorado – a primeira, sem dúvida, foi o deslocamento para o Rio de Janeiro.

Nas leituras que tenho me aproximado enxergo hoje esse futuro campo como uma relação que precisa se criar por meios de participação, superando a enganadora ideia de pesquisadora neutra.

A escolha que fiz de estudar mulheres enquanto pesquisadora não é neutra. Sou uma mulher que experimenta o mundo pelo corpo (materialidade) feminina que faz e se faz pelo gênero. O encantamento pelas aprendizagens não escolares (atenção e subjetividades) também não é neutro. Sou pedagoga de formação em um curso de Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E a prévia decisão por uma pesquisa etnográfica também não é neutra. Eu quis me deslocar (e ser deslocada) para outro estado para me aperfeiçoar enquanto pesquisadora.

Os emaranhados que se desenham e irão se desenhar desses entrelaçamentos com o campo é assim a própria experiência que permeia a etnografia. Movimentando esses elementos de não neutralidade, eu coloco uma nova questão para movimentar minha pesquisa: como o/a pesquisado/a sabe que encontrou o campo da pesquisa etnográfica?

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

BUTLER, Judith. Ator performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*.: LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Nova Série: Antropologia**, n. 27, 1978.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DULLO, Eduardo; Demétrio, Amanda D. Ensinando a beber: o café especial e o aprendizado sensorial do consumidor. *In*.: **Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas / Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.)**. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2021.

GHANEM, Elie. Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo, SP: Summus, p. 59-89, 2008.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*.: LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. **Idem. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2011.

INGOLD, Tim. "O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção". **Horizontes Antropológicos**, 21 (44): 21-36, jul./dez. 2015.

LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia do gênero". *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LAVE, J. e WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. New York: Cambridge University Press, 1991.

LOPES, João Teixeira. Reflexões sobre o arbitrário cultural e a violência simbólica: os novos manuais de civilidade no campo cultural. *In.*: SEMEDO, Alice & LOPES, João Teixeira (coord.). **Museus, Discursos e Representações**. Porto/Portugal, Edições: Afrontamento, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. “Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças”. *In.*: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brønstrup. (Orgs). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 11-22.

MEAD, Margaret. “A adolescência em Samoa”. *In.*: **Cultura e personalidade:** Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir. CASTRO, C. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2015. pp. 17-65.

MIZRAHI, Mylene **A estética do funk carioca:** criação e conectividade em Mr. Catra / Mylene Mizrahi. - 1. ed. - rio de Janeiro : 7 letras, 2014.

MIZRAHI, Mylene. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Mana**, v. 25, p. 457-488, 2019.

MIZRAHY, Mylene. A educação como relação: estética, materialidade, subjetivação – contribuições desde a antropologia. *In.*: **Deseducando a educação:** mentes, materialidades e metáforas / Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.). – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2021.

NOVACICH, Samuel Elliott. “MASKING” MAKEUP: Cosmetics and Constructions of Race in Rio de Janeiro. **Cultural Anthropology**, v. 36, n. 4, p. 681-707, 2021.

SCOTT, Joan W. Igualdade *versus* diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista**, São Paulo: Cia. Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e Feminismo), p. 203-222, 1999.

SIMÕES, Alexandre; LOPES, Ana Mônica. Saberes locais: memórias, práticas, representações e experiências. *In.*: AZEVEDO, Flávia; CATÃO, Leandro; PIRES, João Ricardo (orgs.). **Cidadania, memória e patrimônio:** as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, p. 196 - 209, 2009.

TASSINARI, Antonella. “**Múltiplas infâncias:** o que a criança indígena pode ensinar a quem já foi à escola ou A sociedade contra a escola”. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009.

TOREN, Christina. Mente, materialidade e história: como nos tornamos quem nós somos. *In.*: Mylene Mizrahi Giselle Ferreira (Orgs.). **Deseducando a educação:** mentes, materialidades e metáforas / Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.). – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2021.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. **Educação formal e não formal:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, p. 15-58, 2008.

TSING, Anna Lowenhaupt. “**O Cogumelo no Fim do Mundo**” . Princeton University Press, 2019.

VEGA SANABRIA, Guillermo. Corpus de conhecimento: experiência e reflexividade entre aprendizes de antropologia. *In.*: **Deseducando a educação**: mentes, materialidades e metáforas / Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.). – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2021.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In.*: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea / Gilberto Velho – 8 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

WITTING, Monique. Não se nasce mulher. *In.*: LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.